

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS DESIGN
DE MODA**

RUBENS AVENDANHA

ACRÍLICA SOBRE TÊXTIL; TÊXTIL SOBRE PELE

**BELO HORIZONTE
2023**

RUBENS AVENDANHA

ACRÍLICA SOBRE TÊXTIL; TÊXTIL SOBRE PELE

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de
Curso do bacharelado em Design de Moda da Escola de
Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais

BELO HORIZONTE
2023

À minha toda minha família e amigos

AGRADECIMENTO

Ao desenvolver essa pesquisa tive o apoio de pessoas que se tornaram indispensáveis para a concretização do projeto. Agradeço primeiramente a professora Adriana Bicalho pela atenção em me orientar nesse trabalho, assim como os outros professores e funcionários da Universidade Federal de Minas Gerais por me oferecerem recursos e ferramentas para concluir os meus estudos na instituição. Agradeço minha família por sempre acreditarem no meu potencial e pelo suporte nesses últimos 6 anos. Um agradecimento especial para minhas amigas Luana Ramos, Patrícia Magal, Myllena Souza e Raphaella Dias pelo incentivo durante toda a graduação.

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão que nasceu do estudo da obra de Basquiat, especialmente a partir do livro *Jean-Michel Basquiat and the Art of Storytelling* (2020), que documenta toda a trajetória do artista dentro e fora das galerias, destaco seu impacto na arte e na sociedade. Inspirado pela vida e pelo estilo de Basquiat, desenvolvi um projeto experimental que representa as fases de sua obra, com ênfase nas questões sociais e raciais que ele abordava. Utilizo a arte de rua, especialmente o grafite, como suporte e inspiração para traduzir a intensidade e a expressividade presentes em suas criações, onde busco o mesmo vigor e autenticidade para minha pesquisa artística. Essa abordagem também busca ressaltar a influência da linguagem visual e do caráter urbano que marcaram Basquiat, criando um diálogo visual entre sua trajetória e minha interpretação de sua obra.

Palavras-chave: Basquiat. Arte. Grafite.

ABSTRACT

This work is a reflection that was born from the study of Basquiat's work, especially from the book Jean-Michel Basquiat and the Art of Storytelling (2020), which documents the artist's entire trajectory inside and outside the galleries, highlighting his impact on art and in society. Inspired by Basquiat's life and style, I developed an experimental project that represents the phases of his work, with an emphasis on the social and racial issues he addressed. I use street art, especially graffiti, as support and inspiration to translate the intensity and expressiveness present in my creations, where I seek the same vigor and authenticity for my artistic research. This approach also seeks to highlight the influence of the visual language and urban character that marked Basquiat, creating a visual dialogue between his trajectory and my interpretation of his work

Keywords: Basquiat. Art. Graffiti.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Trabalho da disciplina de Fotografia. Fonte: Arquivo Pessoal	30
Figura 2: Trabalho da disciplina de Fotografia.....	31
Figura 3: Catálogo de roupa dos anos 70.....	32
Figura 4: Cher nos anos 70.	33
Figura 5: Vogue Itália (1986).....	34
Figura 6: Princesa Diana (1986).	35
Figura 7: Metro de Nova York anos 70.....	36
Figura 8: Metro de Nova York anos 70.....	37
Figura 9: Mirante Sapucaí.....	38
Figura 10: Suéter pintado por Jean-Michel Basquiat.....	39
Figura 11: Jaqueta de couro pintada por Jean-Michel Basquiat.	40
Figura 12: Jean-Michel Basquiat.	41
Figura 13: <i>Ironia do Policial Negro</i> (1981).....	42
Figura 14: <i>Pássaro no Dinheiro</i> (1981).....	43
Figura 15: <i>Boy And Dog In A Johnnypump</i> (1982).....	44
Figura 16: <i>Obnoxious Liberals</i> (1982).....	45
Figura 17: <i>Hollywood Africans</i> (1983).	46
Figura 18: <i>Ridin with death</i> (1988).....	47
Figura 19: Croqui do look 1.....	48
Figura 20: Testes de estampa com tinta spray sobre tecido com composição de 98% CO - 2% PUE.	49
Figura 21: Lavagem do teste de estampa.....	50
Figura 22: Teste de estampa escolhida para o look 1.	51
Figura 24: Croqui do objeto vestível.	53
Figura 25: Moldes posicionados no tecido.	54
Figura 25: Moldes blazer.	55

Figura 26: Ficha técnica do blazer	56
Figura 27: Corpo do blazer.	57
Figura 28: Detalhe do forro.	58
Figura 29: Detalhe da fenda do bolso do blazer.....	59
Figura 30: Detalhe da lapela do blazer.....	60
Figura 31: Blazer costurado.....	61
Figura 32: Blazer grafitado.	62
Figura 33: Blazer grafitado.	63
Figura 34: Processo de costura da calça.	64
Figura 35: Processo de costura da calça.	65
Figura 36: Processo de costura da calça.	66
Figura 37: Processo de pintura da calça.....	67
Figura 38: Ilhós e mosquetão.....	68
Figura 39: Processo de pintura da saia.....	69
Figura 40: Anotações de Basquiat no seu livro <i>Jean-Michel Basquiat: The Notebooks</i> (1993)	70
Figura 41: Anotações de Basquiat no seu livro <i>Jean-Michel Basquiat: The Notebooks</i> (1993)	71
Figura 42: Croqui do look 2.....	72
Figura 43: Moldes do macacão.	73
Figura 44: Costura do macacão.	74
Figura 44: Gola dupla do macacão.	75
Figura 45: Bolso do macacão.....	76
Figura 46: Bolso do macacão por dentro.	77
Figura 47: Aviamentos do macacão.	78
Figura 48: Ilhós e mosquetão do macacão.....	79
Figura 49: Estampa.	80
Figura 50: Tela de serigrafia.	81

Figura 51: Processo de serigrafia.....	82
Figura 52: Processo de serigrafia.....	83
Figura 53: Croqui look 3.....	84
Figura 54: Molde do short.	85
Figura 55: Bolso cargo do short.....	86
Figura 56: Bolso embutido do short.	87
Figura 57: Detalhe do zíper.....	88
Figura 58: Molde da camisa.....	89
Figura 59: Molde da camisa.....	90
Figura 60: Camisa cortada.	91
Figura 61: Objeto têxtil vestível	92
Figura 62: Objeto têxtil vestível	93
Figura 63: Objeto têxtil vestível	94
Figura 64: Fenda	95
Figura 65: Processo de pintura do objeto têxtil vestível	96
Figura 66: Peças confeccionadas	97

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. BASQUIAT E A ARTE URBANA.....	15
2.1 Arte Urbana	15
2.2 Basquiat e sua arte	17
3. FAMÍLIA SEM TÍTULO	22
3.1 Blazer sem título.....	22
3.2 Calça sem título	23
3.3 Saia sem título	24
4. FAMÍLIA SEM TELA.....	24
4.1 Macacão J-MB	25
5. FAMÍLIA RESPINGOS	26
5.1 Short acrílico	26
5.2 Camisa acrílico	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
7. FIGURAS.....	30
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

1. INTRODUÇÃO

A linguagem das ruas, da arte urbana e da vida cotidiana são os protagonistas do meu trabalho. A análise da cidade através de imagens, textos e fotografias circulam toda minha pesquisa. Percebi uma grande afinidade entre meu trabalho e a obra de Jean-Michael Basquiat, cujas fontes de inspiração são bastante parecidas. Este trabalho é uma investigação que nasce com propósito de dialogar com a obra de Basquiat, especialmente quanto às pautas sociais e raciais presentes em sua obra.

Desde uma disciplina de fotografia do curso de Artes Visuais, comecei a trabalhar com imagens gráficas e outras formas de criação. Na matéria, comecei a criar figuras gráficas através de fotografias (Figura 1 e Figura 2). Esse processo me cativou pelo resultado e pela vasta possibilidade de experiências com as imagens. Percebi que poderia transformar essas imagens gráficas em estamparia para o meu trabalho de conclusão de curso. O trabalho que apresentei na disciplina foi voltado para questões raciais, com o uso de imagens de publicidade de produtos de beleza para cabelos crespos dos anos 70 e 80 e manchetes de jornais de casos de racismo atuais. Vi nesse processo uma ligação entre a prática e o meu tema do TCC – naquele momento eu pesquisava as pinturas de Jean-Michel Basquiat, vi que poderia usar suas obras como inspiração e criar um diálogo entre elas e a minha pesquisa.

O trabalho de Basquiat é um muito atual, pois mostra circunstâncias que ainda estão presentes na sociedade, como por exemplo o racismo e dificuldade de corpos negros serem inseridos em locais de prestígio como as artes. Basquiat foi um propulsor, ele ajudou a propagar a vivência dessas pessoas excluídas em seus quadros e as colocou em foco dentro de museus e galerias.

As obras de Basquiat me atravessam, o artista trata de situações semelhantes às que ocorrem no meu cotidiano, mesmo que suas obras tenham sido feitas há mais de 40 anos. Desse modo, o seu trabalho se mostra atual e atemporal. O livro *Jean-Michel Basquiat and the Art of Storytelling* (2020) é o ponto de partida do meu projeto, a partir dele pude observar as obras e as entender melhor.

A partir do estudo das obras de Basquiat, meu objetivo foi desenvolver uma coleção para unir práticas da arte e da moda - estamparia e *graffiti*, alfaiataria e objeto têxtil - e conseguir mesclar os objetos têxteis com as peças confeccionadas.

As formas das roupas baseiam-se na alfaiataria dos anos 1970 e 1980 e na moda urbana contemporânea. A alfaiataria refere-se a roupas feitas sob medida, a processos artesanais de construção das peças. Por exemplo, muitos dos acabamentos das roupas são feitos a mão. As peças de alfaiataria são conhecidas pela sua sofisticação e elegância. As peças de alfaiataria como blazers, calças sociais, saias lápis e coletes, são feitas com tecidos de alta qualidade, como o algodão, a lã e o linho.

A moda dos anos 1970 tem pontos muito específicos, principalmente o uso abundante de cor e estampas. As peças de alfaiataria ganham silhueta mais fluida e cores vibrantes. A música e os movimentos hippie e punk influenciam a mudança do cenário da moda dessa década. Cidreira (2008, p.7) diz

Mas a grande marca dos anos 70 é, em última instância, a promoção de um estilo pessoal de vestir; encontrar as peças que lhe caem bem; buscar o equilíbrio e a harmonia entre a roupa e o seu modo de ser. Talvez pela primeira vez, após a instalação e consolidação da indústria da moda, sobretudo da dinâmica imposta pela Alta Costura, enquanto ditadora das tendências sazonais, os consumidores passam a ter liberdade de escolha em relação ao visual que desejam ter, exibir. Sem contar que o aparecimento de grupos juvenis, como os hippies, por exemplo, acaba impulsionando esta tendência que se expande para outras esferas, atingindo quase todos os consumidores, e chegando mesmo a pressionar o surgimento de uma produção de moda mais flexível, como é o caso do prêt-a-porter, que aparece justamente na década de 60 e ganha fôlego a partir da década de 70.

Até os dias atuais a moda dos anos 1970 é referência. Várias tendências que nasceram naquela época, são usadas até hoje, como por exemplo as calças bocas de sino, estampas multicoloridas e florais, bandanas, sapatos de plataforma entre outras. (Figura 3 e Figura 4)

A década de 1980 também é uma fonte de inspiração no meu trabalho. As roupas são mais extravagantes, com o uso constante de ombreiras exageradas, cores vibrantes e silhuetas diferentes. Os ternos se tornam um item chave dentro do guarda-roupa masculino e feminino. As roupas femininas começam a ganhar ombreiras maiores, para passar a ideia de autoridade. Joaquim (2011, p. 653) diz

Durante os anos 1980, houve uma tendência de vestuário que foi reflexo de um posicionamento feminino no mercado de trabalho. Paletós, jaquetas e calças apresentaram cortes masculinos ao longo de toda a década e início dos anos 1980. Há de se recordar que os empréstimos entre o vestuário feminino e masculino se tornaram frequentes a partir de 1960. A moda unissex que surgiu na segunda metade dessa década consolidou-se nos anos 1970, quando os mesmos vestuários passaram a ser usados por ambos os sexos.

As peças de alfaiataria começam a seguir as tendencias de moda da década, o que resulta em roupas confeccionadas em tecidos brilhosos, neon, tecidos com estampas geométricas e abstratas. (Figura 5 e Figura 6)

Para as peças desenvolvidas para o TCC, usei as estampas como forma de deixar as peças mais atuais e descontraídas, principalmente o look 1 que segue a alfaiataria. Uso cores vibrantes em todas as peças, escolhi as três cores primarias como cartela de cor das roupas. Retiro toda a paleta de cor das obras de Basquiat, por conta disso as roupas têm cores vibrantes e interferências de estampas. Todas as peças têm alguma forma de estampa, que são feitas com spray ou com serigrafia.

As peças são unidas a objetos que são removíveis, os nomeei como objetos têxteis vestíveis. Eles são criados na tentativa de usar a modelagem das roupas para transformá-las em outros objetos. As partes que se soltam da peça, se unem entre si e podem ser expostas em paredes. Dentro desse contexto percebi as inúmeras formas de como posso usar a modelagem para a criação desses objetos. Para essas formas ficarem fixas nas peças, uso botões tradicionais, botões de pressão, ilhós e mosquetões. Os aviamentos são usados como suporte para que as peças fora do corpo possam interagir e unir entre si.

O Capítulo 1 trata da vida e da obra de Jean Michel Basquiat, que é minha maior inspiração. Nesse capítulo, abordo também o início da arte urbana em Nova York e de sua influência em outros movimentos e países, como no Brasil. O artista neoexpressionista ganhou a crítica com seus murais, telas e instalações.

O capítulo 2 trata do desenvolvimento do trabalho, que se inicia com a construção do primeiro protótipo do projeto experimental, até esse projeto ser finalizado na peça final. No capítulo, conceituo a família sem título e as tendências que segui para criar as primeiras peças. Mostro um pouco o processo de estamparia, e como cheguei nele. As estampas feitas à mão com tinta spray se tornam uma das características mais importantes do projeto. Essa forma de estamparia surge na tentativa de conectar meu processo criativo com as peças feitas por Basquiat em sua coleção pintada também à mão intitulada *Man Made*.

No capítulo 3 apresento o desenvolvimento da família sem tela. A mistura do streetwear e da alfaiataria se encontram nessa família, continuo a trabalhar a modelagem das peças para resultarem em novas formas. A estamparia usada nessa família é a serigrafia. O uso do grafismo resulta em uma estampa corrida para o objeto têxtil vestível.

O capítulo 4 trata da terceira família, a família respingos. A última família une as duas famílias anteriores. Através do uso do spray, me inspiro nos elementos da obra de Basquiat com formas retiradas de suas obras mais atuais como pintor. Referência como figuras humanas, escritas, símbolos são usados na estampa da coleção, a arte do objeto tem auxílio da artista Tri.

2. BASQUIAT E A ARTE URBANA

2.1 Arte Urbana

A arte urbana ou *street art* é uma expressão artística visual que é hoje onipresente nas grandes cidades. Esse modo de expressão artística usa os grandes centros urbanos como espaço e suporte para obras e se manifesta de diversas formas como *graffiti*, lambe-lambe, estêncil, cartazes, esculturas, *yarn bombing* (intervenções urbanas em tricô e crochê), entre outras. Sua origem é incerta, alguns autores como Ferrel (2016, p. xxx) localizam manifestações semelhantes de desenhos não autorizados em espaços públicos na antiguidade greco-romana, enquanto Keith Haring, artista pioneiro do *graffiti* norte-americano, via a sua origem nas pinturas rupestres (GRAFFITI, 2003).

Na forma contemporânea, que é a hoje mais conhecida, essa expressão artística se populariza por volta de 1970, na Filadélfia e em Nova Iorque nos Estados Unidos. Nascida na ilegalidade, uma das manifestações mais conhecidas desse período são os vagões de trens e metrôs grafitados (Figura 7 e Figura 8). Em seu artigo Zanon (2018, p. 3) diz

Surgido como um movimento considerado “ilícito” por muitos, encabeçado por adolescentes que deixavam sua marca em vagões de metrô e fachadas de prédios, o grafite explodiu em Nova York nos anos 1970. Nova York é ainda hoje é uma referência mundial de cultura urbana, com intervenções criativas que influenciam o resto do mundo. Nos anos 1970 a cidade era tomada pelo grafite caótico, nem sempre ao ar livre, pelos estilos excêntricos e até pelo crime e violência. Esse movimento juvenil de gangues foi uma explosão de revolta, invadindo as ruas e expondo o descaso aos problemas sociais e revelando um outro lado da cidade de Nova Iorque, negando seu sistema urbano organizado e planejado.

Ainda que os resultados visuais sejam muito diferentes, a cidade é o denominador comum dos trabalhos. Uma possível explicação para a popularidade da arte urbana está exatamente no crescimento desordenado das cidades e no aprofundamento das desigualdades sociais, na exclusão de parte das populações do consumo, lazer e mesmo do atendimento a necessidades básicas, situações que já estavam presentes, nos anos de 1970, de formas variadas, em todas as grandes metrópoles do mundo. Tradicionalmente, as artes urbanas se davam, e ainda hoje, em muitos casos, ainda se dão em um contexto de ilegalidade e transgressão. Não são incomuns as expressões de protesto, críticas políticas e sociais, a busca por visibilidade, a disputa entre grupos, a publicidade ilegal.

Nas primeiras décadas, o repertório dos artistas estava ligado à cultura de massa, à publicidade, aos quadrinhos, o que indica uma ligação importante com a *pop art* (GRAFFITI, 2023). O estilo de *graffiti* de Nova Iorque e da Filadélfia primeiro se espalhou pelos Estados Unidos e depois por todo o mundo e se misturou a expressões locais. Ao mesmo tempo, a depreciação e a perseguição aos artistas foram bastante intensas e as artes urbanas foram consideradas por muitos como vandalismo e um sinal de decadência (FERREL, 2016, p. xxx).

Ainda nos anos 1980, artistas como Keith Haring e Jean-Michel Basquiat são legitimados pelo sistema da arte e suas obras são expostas e vendidas nas galerias de arte. Nessa mesma época, uma forma de arte urbana autorizada também começa a emergir. Artistas são contratados para criar murais e a publicidade também incorpora elementos da arte urbana como o *graffiti*. Porém, a ilegalidade, ingrediente muitas vezes central das expressões urbanas visuais, se perpetuou - um exemplo são os trabalhos de Banksy, artista contemporâneo provavelmente inglês, cujas obras são muito conhecidas e valorizadas, ainda que não se conheça a real identidade do autor. Mesmo que suas obras sejam vendidas por valores exorbitantes em galerias de arte, Banksy ainda pinta superfícies não autorizadas em várias cidades do mundo.

No Brasil, entre o final dos anos 1970 e a década seguinte, destacaram-se os trabalhos de Alex Vallauri, Zaidler e Carlos Matuck e do grupo Tupinãodá, que em 1987 participou da Bienal de São Paulo. A partir de 2000, artistas brasileiros como Os Gêmeos e Eduardo Kobra alcançaram destaque internacional (GRAFFITI, 2023).

Hoje no Brasil, nos centros urbanos de diversos estados, o uso do *graffiti* é muito presente. Na capital mineira ocorre o CURA – Circuito Urbano de Arte, que nasceu em 2017. Hoje o festival de grafite CURA é um dos maiores festivais de arte urbana do Brasil, já tem 8 edições, 26 murais empenas e 4 mirantes de arte urbana, sendo um deles em Manaus. O projeto convida diversos artistas de todo Brasil e até artistas de outros lugares do mundo para participar de suas edições, isso resulta em murais e grafites com diversas abordagens. Em seu site o CURA diz

Nas duas últimas edições em Belo Horizonte – 6a e 7a -, o CURA contou com artistas amazônicos com obras realizadas em empenas na Avenida Amazonas, em Belo Horizonte, criando uma conexão com a região e seu povo. Por meio dessa ligação mágica surgiu em 2023 o CURA AMAZÔNIA, a primeira edição realizada em Manaus, reafirmando seu compromisso em levar a arte urbana a novos territórios, estimulando o imaginário coletivo, transformando espaços urbanos e construindo conexões entre as pessoas por meio da arte. Em Manaus, o CURA entregou dois murais gigantes e uma instalação de arte pública que reverenciam a ancestralidade, a força e a alegria dos povos da floresta.

O CURA transforma o espaço público em um museu aberto e vivo, aproximando a arte do público, despertando o desejo nas pessoas de se conectar entre si, com as

obras e com a rua, de forma gratuita e democrática, e se tornando um evento cultural e turístico de relevância artística e histórica, que transforma tanto a paisagem urbana quanto a própria cidade.

O coletivo leva a sério o princípio da arte urbana ser democrática. Ao espalhar diversos murais pela cidade, essas artes conseguem chegar a um número muito alto de pessoas, diferente das obras que são expostas em galerias (Figura 9). Para ajudar a democratizar o espaço da arte, o festival também oferece diversas oficinas, roda de conversas e projetos que contemplam aos que são interessados no projeto.

2.2 Basquiat e sua arte

Jean-Michel Basquiat nasceu no Brooklyn, Nova York, no dia 22 de dezembro de 1960 e faleceu no dia 12 de agosto de 1988. Foi um grande artista do neo-expressionismo, movimento artístico datado dos anos 70 até os anos 80 do século XX. O movimento teve origem na Alemanha nos anos 1980, porém foi adotado em outros países, sendo um deles os Estados Unidos. O neo-expressionismo tinha como principais aspectos a valorização da cultura, da memória e das emoções, isto é, tinha como objetivo mostrar a vivência dos artistas por meio da arte. As obras eram feitas em suportes diferentes, portanto era comum o uso de porcelana, ferro, madeira e outros diversos materiais. De acordo com Gonçalves, Nobriga, Venturini (2016, p. 54).

Nos Estados Unidos, temos boa parte dos artistas trabalhando em contestação à sociedade americana. Artistas como Philip Guston e Leon Golub se debruçaram sobre temas políticos e sociais, fazendo alusões aos acontecimentos do período, como as guerras, em especial a do Vietnã, e as contradições do sonho americano. Também temos Julian Schnabel e Susan Rothenberg trabalhando com imagens mais simbólicas e focando nas experimentações linguísticas e de estilo. No cenário americano, talvez o artista de maior destaque seja o pintor Jean-Michel Basquiat, que teve uma carreira breve, porém midiática, com trabalhos extremamente marcantes.

A arte na vida de Basquiat surgiu bem antes de estar dentro de galerias. Desde sua infância rabiscava e já reproduzia personagens que via na televisão. Quando tinha 7 anos de idade se acidentou e recebeu de sua mãe um livro sobre anatomia humana. Esse livro foi um incentivo para sua arte e anos depois, usaria várias referências e inspirações do corpo humano em seus quadros e suas instalações.

Aos 17 anos, Basquiat saiu de casa e começou a morar com amigos. Nesse tempo desenhava e pintava em peças de roupa, e as vendia pelas ruas de Nova York. No final dos anos 70, o artista começou a misturar suas pinturas com a moda. Antes mesmo de sua carreira dentro de galerias de arte começar, ele desenvolveu uma linha de roupas pintadas à mão com o título *Man Made* (Figura 10 e Figura 11). O nome surgiu de uma das assinaturas que usava em seus grafites. Em novembro de 1979, Basquiat juntou-se com a figurinista Patrícia Field e a convenceu a vender sua linha de roupas dentro de sua boutique. Durante esse período Basquiat desenhou em diversos tipos de peças: jaquetas, moletons, camisas entre outras roupas. Para assinar suas peças, usava uma coroa como assinatura. O desenho da coroa, foi usado diversas vezes em obras futuras do artista.

Neste momento, ele e seu amigo, Al Diaz, já faziam parte de um coletivo de grafite. Para assinar suas obras, usavam SAMO que significava same old shit (mesma velha porcaria). Os dois usavam as ruas de Nova York como um local de exposição de seus grafites (Figura 12). O grafite foi uma forma de expressão muito comum nos anos 70 em Nova York e se mantém como forma de expressão até os dias atuais.

As inscrições em muros, paredes e metrôs – palavras e/ou desenhos –, sem autoria definida, tomam Nova York, no início da década de 1970. Em 1975, a exposição Artist's Space confere caráter artístico a parte dessa produção, classificada como graffiti. A palavra, do italiano *graffito* ou *sgraffito*, que significa arranhado, rabiscado, é incorporada ao inglês no plural *graffiti*, para designar uma arte urbana com forte sentido de intervenção na cena pública. Giz, carimbos, pincéis e, sobretudo, spray são instrumentos para a criação de formas, símbolos e imagens em diversos espaços da cidade.

O repertório dos artistas é composto de ícones do mundo da mídia, do cartum e da publicidade, o que evidencia as afinidades do graffiti com a arte pop, e a recusa em separar o universo artístico das coisas do mundo. Os grafiteiros remetem a origem de sua arte às pinturas rupestres e às inscrições nas cavernas. Para o americano Keith Haring (1958-1990), um dos principais expoentes do graffiti nova-iorquino no século XX, o desenho guarda a mesma origem desde a pré-história, com poucas mudanças (GRAFFITI, 2023).

Esse período do artista com a arte urbana, inspira toda minha questão estética dentro da coleção. As minhas peças também são pintadas à mão, o que faz um resgate da técnica e do uso grafite sobre roupas.

Basquiat tinha começado a se tornar uma celebridade após o jornal *Village Voice* escrever sobre seus grafites. A matéria repercutiu e em seguida começou a ser convidado para programas de televisão, nesse momento conhece Andy Warhol, que se tornaria um grande amigo. Warhol o ajudou com despesas, providenciou uma casa para Basquiat morar e o ajudou com a divulgação

de seu trabalho. Na mesma época, o coletivo com seu amigo Al Diaz terminou, foram cerca de 5 anos trabalhando em conjunto. Com o final da parceria, Basquiat deixou a arte de rua e foi priorizar suas pinturas, local onde ganhou renome e reconhecimento.

O trabalho de Basquiat tornou-se conhecido internacionalmente e foi chamado de "primitivismo intelectualizado". A linguagem visual do artista foi contemplada e admirada por diversos críticos. Sua obra inclui símbolos, palavras, frases e grafismos. O artista usa da sua arte como forma de diário visual, onde reflete sobre sua vida, suas experiências e o mundo em si.

Em seus quadros Basquiat combina sua vasta paleta de cores com frases e palavras, o resultado da obra é uma sobreposição de informações. O primeiro instante as obras de Basquiat parecem caóticas, mas ao perceber as informações deixadas pelo artista através dos desenhos, escritas e símbolos, faz com que o público entenda a narrativa por traz de seus quadros. Basquiat trabalhava com tinta acrílica, tinta óleo, giz pastel, tinta para serigrafia e outros materiais. A junção desses diversos materiais resultava em texturas e uma estética própria de seu trabalho. Os quadros de Basquiat chegaram a ser vendidos por milhões de dólares, sua fase mais criativa foi entre 1982-1985.

Um dos quadros mais famosos de Basquiat (Figura 13), se intitula *Ironia do Policial Negro* (1981). O quadro tem uma mensagem direta ao racismo dos policiais que ocorriam contra pessoas negras nos Estados Unidos Micotti (2020). O quadro apresenta uma figura em tom de preto com detalhes em tons de vermelho e amarelo, em sua volta tem diversas linhas e o nome da obra escrito ao lado da figura. Rocha (2001, p. 38) diz

Para entender a obra de Basquiat, é preciso compreender seu envolvimento permanente com a música. Em sua formação, predominam o jazz e o blues, raízes afro-atlânticas conscientemente escolhidas, associadas aos desenhos de figuras rudes, frases manuscritas e fórmulas científicas misturadas sobre um fundo multicolorido, compondo uma cacofonia visual de cores e formas. As imagens "primitivas" e infantis vão refletir os vínculos de Basquiat com a arte do grafite. Seus quadros refletem e refratam o submundo de New York.

Outro quadro de Basquiat (Figura 14) é o *Pássaro no Dinheiro* (1981). Nessa obra ele faz uma homenagem ao saxofonista Charlie Parker. O pássaro no quadro representa Parker, que era conhecido como Yardbird. A obra dispõe de uma paleta de azul, amarelo, preto e branco. O uso de variadas cores no trabalho de Basquiat é muito presente, além disso, escritas em seus quadros

são bem comuns. Essas escritas são mensagens do artista para ajudar o público a entender sua obra.

No quadro *Boy and Dog in a Johnny Pump* (1982) (Figura 15), o artista representa uma cena com um homem e um cachorro, ambos pintados em preto, contrastando com uma vasta paleta de cores ao fundo. A obra possui 2,5 metros de altura por 4,2 metros de largura, e traz como referência a amizade e a juventude. De acordo com blog The Trend Art (2023)

A pintura "Boy and Dog in a Johnny Pump" de Jean-Michel Basquiat incorpora simbolismo para transmitir efetivamente a visão do artista e fornecer comentários sociais perspicazes. O uso do simbolismo é evidente em vários elementos dentro da obra de arte. Por exemplo, o menino na pintura representa a inocência e a vulnerabilidade da juventude. Este retrato atua como um forte contraste com as duras realidades experimentadas no ambiente urbano. O cão na pintura simboliza lealdade e proteção, servindo como uma fonte de apoio diante da adversidade.

A referência ao Johnny Pump, ou hidratante, também é um símbolo poderoso dentro da obra de arte. Representa metaforicamente a luta pela sobrevivência e a necessidade de recursos no ambiente urbano desafiador. As cores ousadas e vibrantes usadas ao longo da pintura capturam com precisão a energia, a diversidade e a vibração da vida da cidade. Essas cores também fazem alusão às tensões e contradições que existem dentro das comunidades urbanas.

Basquiat usava seus quadros para criar narrativas com seu público. Em seu quadro *Obnoxious Liberals* (1982) (Figura 16), o artista critica o capitalismo e como esse sistema de trabalho é infeliz. No quadro, ele representa do lado esquerdo um trabalhador negro preso por correntes e acompanhado de dois homens brancos desenhados com cifrões. A tela também apresenta a escrita "not for sale", em português "não está à venda". O quadro é feito com tinta acrílica, óleo e spray sobre tela.

A combinação de figura, texto e símbolos tornou-se uma assinatura artística de Basquiat. Em seu quadro *Hollywood Africans* (1983) (Figura 17), o artista critica a representação estereotipada e muitas vezes limitada dos afro-americanos na indústria do entretenimento, principalmente em Hollywood. O quadro foi pintado durante uma viagem do artista a Los Angeles. O blog do Whitney Museum of American Art (2023) diz

Várias anotações da obra são autobiográficas: o trio de figuras à direita retrata o artista com o músico de rap Rammellzee e o pintor Toxic, que havia viajado com ele de Nova York, e ele inclui os dígitos de sua data de nascimento: 12, 22 e 60. Outras notações são históricas: frases como "Cana-de-açúcar", "Tabaco", "Gangsterismo" e "O que é Bwana?" alude aos papéis limitados disponíveis para atores negros em filmes抗igos de Hollywood. A noção de exclusão ou excisão é reiterada na forma como Basquiat frequentemente riscava palavras ou frases em suas obras. A técnica, explicou ele, na

verdade pretendia chamar a atenção para eles: “Eu risquei as palavras para que você as veja mais; o fato de estarem obscurecidos dá vontade de lê-los.

Outro quadro do artista que me chama atenção pela simplicidade e genialidade é sua obra intitulada *Riding with Death* (1988) (Figura 18). O quadro foi feito próximo de seu falecimento, sendo uma de suas últimas obras produzidas. A obra aborda a mortalidade e a interação entre vida e morte. O quadro tem um fundo em tom terroso e mostra uma forma humana caminhando em cima de um esqueleto. Ele consegue abordar a vida e a morte e como elas caminham juntas, pois sem vida não há morte e vice-versa.

Portanto, as criações do artista conversavam diretamente com questões do seu dia a dia. O uso da semiótica em seus quadros, resulta na captura de informação de público sobre sua arte. Basquiat sabia exatamente o que ele queria ao deixar uma palavra, um símbolo, ou até mesmo uma frase completa dentro de seus quadros. Sua arte é ao mesmo tempo visionária e acessível, Basquiat é capaz de comunicar através de diversos recursos visuais o que sente e acredita.

3. FAMÍLIA SEM TÍTULO

As telas sem títulos são frequentes na carreira de Basquiat, por essa razão nomeei a primeira família da coleção com esse (não) título. Nessa família usei dos primeiros passos do artista como inspiração para as peças, ou seja, a arte de rua. O uso das tintas spray para escrever palavras, frases e até mesmo desenho em paredes e outras superfícies fez parte da obra do artista. Esse é o meu ponto de partida para o desenvolvimento do primeiro *look* desta família.

O *look* consiste em um blazer, uma calça social e uma saia (Figura 19). Todas as peças do protótipo são feitas em algodão. Para desenvolver a estampa do primeiro *look*, eu usei tinta spray e fiz alguns testes, para saber como o tecido se comportaria com a tinta (Figura 20). A estampa escolhida tem mistura de amarelo e vermelho, e o local onde as duas cores se encontram, resulta em um sutil tom de laranja (Figura 21). Para esta estampa, usei como inspiração a paleta de cores do quadro *Untitled* (1987) (Figura 22). O quadro segue tons quentes de laranja, vermelho, amarelo e figuras em preto. O processo de pintura foi inspirado na forma como Basquiat usava seu estúdio. Ele pintava as telas no chão, então optei por seguir essa dinâmica de pintura para a criação das estampas, à mão livre.

O primeiro *look* tem algumas partes que podem ser removidas: pedaço do peitoral do blazer e a saia. Essas partes removíveis se transformam em uma espécie de objeto têxtil (Figura 23). Depois das partes serem removidas da peça, elas poderão ser dispostas na parede e dessa forma, podem ter uma nova função. Os objetos são fixados a parede com o auxílio de pregos, já que os objetos têm ilhós

3.1 Blazer sem título

Para produzir o blazer, iniciei pela modelagem plana. Segui o método de modelagem do livro da Sthepanhia Rosa, *Alfaiaaria: Modelagem plana masculina* (2008). Comecei a modelagem plana pelas costas do blazer, depois que terminei de traçar a parte traseira, fui para a parte frontal (Figura 24 e Figura 25). Para a parte frontal do blazer, criei duas pences para dar um pouco mais de forma ao corpo, quis que as pences fossem menores, porque a ideia é um blazer com modelagem *oversized*. Para o molde, segui as seguintes medidas: comprimento do blazer 74cm, comprimento da manga 65cm e largura 108cm. (Figura 26).

Com todos os moldes prontos, comecei pela costura do corpo do blazer, na parte do revel usei tecido failete na cor marrom para ser usado como forro (Figura 27 e Figura 28). Para os bolsos

frontais, fiz a lapela alongada para cobrir a fenda (Figura 29 e Figura 30), usei da medida de 17x5 cm para o detalhe.

Em seguida, trabalhei nas mangas, que foram divididas em duas partes: a superior e a inferior. Após modeladas, cortei e costurei as duas partes da manga. Posteriormente, uni e costurei com a cava do blazer.

Para o acessório vestível no peito do blazer, segui o formato da modelagem do blazer até um pouco além do início da pence frontal. Utilizei botões de pressão para fixá-lo na peça, para proporcionar maior estabilidade ao objeto.

Após a costura do blazer (Figura 31), finalizei com a aplicação da estampa feita com spray. Utilizei spray vermelho sobre o tecido amarelo, variando a intensidade em algumas regiões do blazer, dessa maneira busco uma abordagem mais livre e espontânea no processo (Figura 32 e Figura 33).

3.2 Calça sem título

Iniciei a produção da calça pela modelagem plana. Retirei o molde da calça de alfaiataria masculina no livro da Sthepanhia Rosa, *Alfaiataria: Modelagem plana masculina* (2008). Comecei a modelar pela parte das costas, onde o molde é ligeiramente maior que o da parte da frente, para a peça ter uma maior mobilidade quando for vestida.

A calça segue a modelagem reta, porém com o formato mais *oversized*. O *oversized* na peça foi inspirado no estilo *streetwear*. Sendo assim, as peças pegam de referência da moda de rua para sua criação, a peça segue a modelagem mais reta e larga, com o propósito de fazer uma referência a essa tendência de moda. Após riscar o molde, cortei todos os moldes no tecido (Figura 34). Uni a parte da frente com as costas da calça, depois juntei e costurei as pernas. Costurei o cós e os passantes da calça (Figura 35 e Figura 36). Nos passantes da calça são colocados mosquetões, esses mosquetões são usados para unir a calça na saia. Finalizei a confecção da peça com acabamento na barra da calça.

Depois da peça costurada fui para o último processo, que nesse caso era a pintura, usei a mesma cor para estampar e o mesmo processo de pintura na peça, comecei a pintura pela parte da frente, indo para as laterais e finalizei nas costas. (Figura 37).

3.3 Saia sem título

Para desenvolver a saia, comecei pela sua modelagem. Fiz um retângulo com altura de 70cm e largura de 83cm. Após cortar, costurei todas as bordas do retângulo, após a costura coloquei 5 ilhós por todo o cós da saia. Os ilhós são usados para unir a saia através dos mosquetões que ficam presos nos passantes da calça. (Figura 38)

O processo final da saia foi o processo de pintura. Por conta do tecido ser um retângulo plano, a pintura foi mais fácil de ser criada do que das outras peças. Com a peça posicionada ao chão, usei o spray vermelho para criar a estampa da peça. (Figura 39)

4. FAMÍLIA SEM TELA

A família Em Tela consiste em peças com interferências de serigrafia e grafismo, inspiradas na obra do artista durante o ápice de sua carreira. Para essa inspiração, busco uma mistura de estilos presentes no streetwear. Rech (2009, p. 633) menciona que

É a partir da década de 80 e, com mais força, nos anos 1990, que a chamada moda de rua (streetstyle) dos jovens ganha destaque. A chamada Geração Y, representada pelos nascidos no intervalo entre 1982 até o início do século XXI, é marcada pela relação com as novas mídias. É um grupo cercado por tecnologia e em busca de sua própria personalidade, que indaga sobre diversas questões. Com a negação da hegemonia da moda, e a tendência dos jovens questionarem o mundo a sua volta, o streetstyle começa a crescer e a ser reconhecido. Os grupos e subgrupos já não podem ser mais precisamente classificados, evitando, também, os estereótipos. Empregando peças de diferentes épocas e estilos, os jovens propõem looks inusitados e criativos.

A família Em Tela se inspira em várias obras de Basquiat, inclusive em algumas escritas retiradas de seu livro de anotações *Jean-Michel Basquiat: The Notebooks* (1993) para a criação de estampas e como fonte de inspiração. O livro é repleto de anotações, rascunhos e desenhos (Figura 40 e Figura 41), os quais utilizo para auxiliar na criação da estampa, o que fornece uma referência visual das obras de Basquiat para a peça.

Nessa família, busco peças urbanas com elementos da alfaiataria. Para combinar essas duas referências de moda, optei por produzir um macacão utilizando sarja 100% algodão. O macacão apresenta uma gola mais clássica, semelhante à de um blazer, e uma gola alta costurada por dentro da peça. Para remeter ao *streetwear*, produzi a peça em tamanho *oversized* e com bolsos cargo em várias partes do macacão, incluindo laterais das pernas e abdômen (Figura 42)

4.1 Macacão J-MB

O processo de confecção dessa peça começou pela modelagem de um macacão tradicional com uma gola de blazer. Ele segue o tamanho 38, porém com uma modelagem mais ampla, adaptável para tamanhos próximos ao 38, tanto maiores quanto menores. Desenhei a modelagem de um macacão masculino, incluindo a parte frontal, traseira, pala, bolsos cargo, mangas longas com punhos, gola e uma gola alta na parte interna. Cortei o tecido vermelho de algodão e costurei todas as partes, e finalizei com overloque (Figura 43 e Figura 44)

A gola do macacão é baseada nas golas tradicionais de blazer, com uma gola alta interior que é fechada com velcro, escolhi o velcro para facilitar o manuseio devido ao tamanho da gola (Figura 45). Utilizei botões de pressão para o fechamento frontal, alinhando-os ao desenho da gola, fiz o fechamento levemente inclinado.

Na região da cintura coloquei um elástico, o elástico faz com que a peça fique levemente acinturada e que a medida do macacão adapte para tamanhos maiores. Nas laterais das pernas do macacão costurei dois bolsos cargo, os bolsos seguem certas medidas: 28cm de altura e 24,5 cm de largura (Figura 46). Na lapela do bolso tem um velcro para auxiliar o fechamento. (Figura 47)

Usei as palas da frente e das costas como suporte para o objeto têxtil vestível, fixando quatro ilhós na pala, dois na frente e dois nas costas (Figura 48). O objeto possui quatro mosquetões, dois na frente e dois atrás (Figura 49). O objeto têxtil vestível deste look se inicia na parte frontal e termina no meio das costas do macacão, com seu comprimento indo até a barra da peça.

Desenvolvi a estampa no Illustrator, utilizei a mesma técnica de imagem previamente usada em meu trabalho na Disciplina de Fotografia. Essa técnica simplifica as imagens em formas mais simples e em tonalidades de preto (Figura 50). Após a criação da estampa, levei-a à arte final para ser gravada em uma tela de serigrafia de tamanho 60x40 (Figura 51). Na aplicação da estampa na peça, utilizei tinta branca para criar destaque entre o branco da estampa e o vermelho do tecido. Para cobrir todo o objeto têxtil vestível com a estampa, foi necessário estampar sete vezes (Figura 52 e Figura 53). O objeto ao ser fixado a parede é usado os quatro mosquetões.

5. FAMÍLIA RESPINGOS

A família Respingos encerra a coleção com a fusão do início da trajetória de Basquiat na arte de rua com referências de suas obras posteriores, já como pintor. Nesse sentido, essa família surge com a tentativa de incorporar elementos do grafite como estampas nas peças. Campos (2019, p.16) menciona o seguinte sobre a arte urbana e o grafite

A arte urbana está indiscutivelmente associada à paisagem visual da cidade e a diferentes formas de marcação, ornamentação e participação no espaço público. O fenômeno de marcar a cidade, de comunicar na e através da cidade é muito antigo. Há exemplos de graffiti na Antiguidade clássica, em cidades como Roma ou Pompeia. A pulsão para inscrever símbolos na paisagem é tão antiga como o próprio homem. Porque o homem é um ser comunicativo. Comunicar com o outro, através de riscos, rabiscos, escritos, desenhos ou pinturas, é parte integrante da nossa cultura. E o muro tem um papel de relevo nesta história. A nossa história é marcada por diferentes exemplos do uso do muro com estes propósitos. Lembremo-nos do graffiti do Maio de 68 francês, do muro de Berlim ou dos murais políticos produzidos no Portugal pós-revolução de 1974. Se o graffiti norte-americano é fundador de uma série de práticas singulares, também é verdade que este se enquadra numa corrente mais global, caracterizada pelo uso do espaço público para intervenções diversas, de natureza popular, transgressiva e informal. E as características que invocámos agora são cruciais para entender estes fenômenos. Tais manifestações são atravessadas por um espírito comum. Ao ímpeto criativo soma-se a natureza liminar destas produções

Ela se inspira no simbolismo do grafite, utilizando certas características desse estilo para potencializar as peças e incorporar símbolos, desenhos e a linguagem da arte de rua através das estampas. A peça que optei por produzir é uma camisa *cropped* que se torna um sobretudo com o a extensão do objeto têxtil vestível. Para a parte de baixo desenvolvi um short cargo reto (Figura 54).

5.1 Short acrílico

Começo traçando o molde do short, desenhando um modelo reto com detalhes de bolsos laterais. A modelagem do short é reta e segue o tamanho 38. Para criar o padrão do short, utilizei como referência o livro *Alfaiataria: Modelagem Plana Masculina* de Sthepanhia Rosa (2008). Neste caso, adapto um molde existente de calça para criar o molde do short (Figura 55). O short possui uma variedade de bolsos, totalizando seis, possui dois bolsos cargo laterais, além de bolsos embutidos na frente e nas costas (Figura 56 e Figura 57). Para o fechamento do short, utilizei zíper, botão interior e um gancho metálico (Figura 58).

5.2 Camisa acrílico

Começo com o molde de uma camisa tradicional, porém faço ajustes nas medidas para transformá-la em um modelo *cropped*. Deixo a peça com uma sobra maior em sua largura. Há um objeto que se prende à barra da camisa, transformando-a em um sobretudo de manga curta quando combinado com esse objeto. Corto o molde no tecido de todas as partes da modelagem (Figura 59 e Figura 60).

Para garantir a ergonomia da peça, foi necessário aumentar a largura da camisa. O objeto têxtil vestível se prende à peça por meio de botões tradicionais, escolhidos para um acabamento mais util (Figura 61, Figura 62 e Figura 63). O objeto para ser fixado a parede é usada as mesmas casas de botões que uso para prender o objeto à barra camisa. Ele apresenta duas fendas laterais, que foram feitas para facilitar os movimentos de quem o veste (Figura 64).

Após a costura da camisa e do objeto têxtil vestível, foi desenvolvida a estampa em parceria com a artista Tri. Ela me auxiliou na criação da estampa para o objeto têxtil vestível, usando spray branco para criar contraste com o azul do tecido. Optei por incluir frases, palavras e símbolos que remetessem ao artista Basquiat na estampa (Figura 65).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jean-Michel Basquiat criou obras incríveis que deixaram uma marca no cenário da arte. O artista é lembrado e celebrado até hoje por sua contribuição singular. Ele foi um dos primeiros e mais proeminentes nomes a retratar temas de raça, costumes e cultura pop em galerias nos Estados Unidos e ao redor do mundo. A beleza de suas obras intrigue o público, desafiando-o a compreendê-las. Basquiat imortalizou suas memórias em grandes telas, gerando contextos sensíveis ao retratar raça, sociedade, violência e vida.

Com um conhecimento excepcional em composição, o artista utilizou paletas ricas, símbolos e palavras para criar suas obras de arte. Usou a arte como meio de disseminar informações, expressar indignação e protestar contra as injustiças sociais das décadas de 70 e 80. Muitas das críticas feitas por ele ainda são pertinentes hoje, o que confere à sua arte uma atemporalidade e memorabilidade singulares.

O livro *Jean-Michel Basquiat and the Art of Storytelling* me inspirou a pesquisar mais sobre a vida e as obras do artista, despertando meu interesse pelo seu legado na arte. Esse livro me levou a buscar mais imagens e a compreender o estilo de vida de Basquiat. Durante essa jornada, descobri sua coleção *Man Made*, que se tornou minha maior fonte de inspiração para o projeto. Essa coleção me fez enxergar o potencial do uso das peças como suportes artísticos, impulsionando minha decisão sobre o que retratar no meu trabalho. A obra de Basquiat também despertou meu interesse pela arte urbana e suas interações com a moda. Sempre me fascinou a moda de rua. A possibilidade de unir streetwear e Basquiat me deixou extremamente satisfeito com o processo do TCC.

Minhas pesquisas para este trabalho ainda não estão concluídas; acredito que posso explorar mais as criações de estampas e o uso das peças para novas formas. As ideias para as peças foram se desenvolvendo e solidificando ao longo do trabalho, um processo no qual recebi auxílio de amigos, familiares e professores. Ao concluir este trabalho experimental, percebi que o projeto possui uma forte ligação com minhas principais fontes de inspiração, utilizando esses elementos desde o início até o término das criações. Durante esse percurso, percebi a possibilidade de criar diversas alternativas e construções completamente diferentes das apresentadas no trabalho final. Houve erros, mudanças e acertos ao longo desse processo, desde o momento inicial da criação até a forma final do projeto.

O projeto experimental "*Acrílica sobre Têxtil; Têxtil sobre Pele*" materializa minhas influências textuais e visuais por meio das roupas confeccionadas. O projeto está dividido em três famílias, cada um referente a um dos capítulos do trabalho. A primeira família remete aos primórdios da arte de Basquiat, utilizando o spray para criar estampas em todas as peças. Em seguida, a segunda família trabalha com o artista já renomado, seguindo suas obras e anotações para criar estampas. Por fim, a terceira família mescla o grafite e o simbolismo, resultando em estampas que incorporam as referências anteriores. (Figura 66).

Tenho planos de criar mais peças que esbocei no caderno de processos e de trabalhar na modelagem das peças já criadas. Percebi que mesmo nas peças já desenvolvidas, há alternativas e mudanças que podem ser feitas. Pretendo continuar estudando outras formas de estamparias manuais e aprofundar meu conhecimento nesses processos.

Acredito que trabalhos criativos nunca chegam realmente ao fim; eles retornam e ressurgem com outras finalidades em nossas vidas, como aconteceu com o trabalho da disciplina de

Fotografia, que serviu de inspiração para a criação da serigrafia no TCC. O resultado do projeto foi maior do que eu poderia esperar como artista e aluno. Ele representa minha visão sobre o significado da arte para mim e como a moda caminha lado a lado com ela.

7. FIGURAS

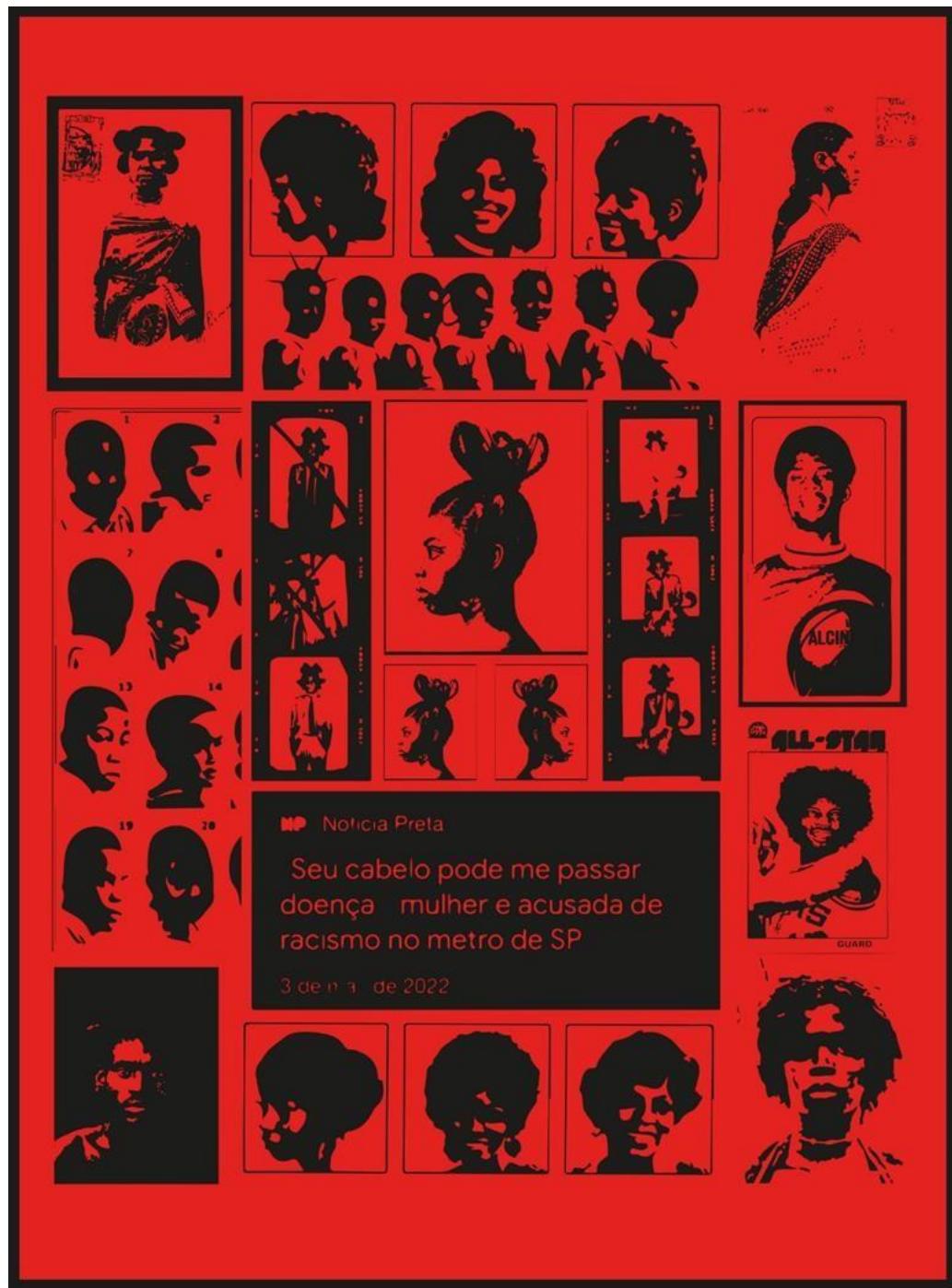


Figura 1: Trabalho da disciplina de Fotografia. Fonte: Arquivo Pessoal



Figura 2: Trabalho da disciplina de Fotografia.

Fonte: Arquivo Pessoal

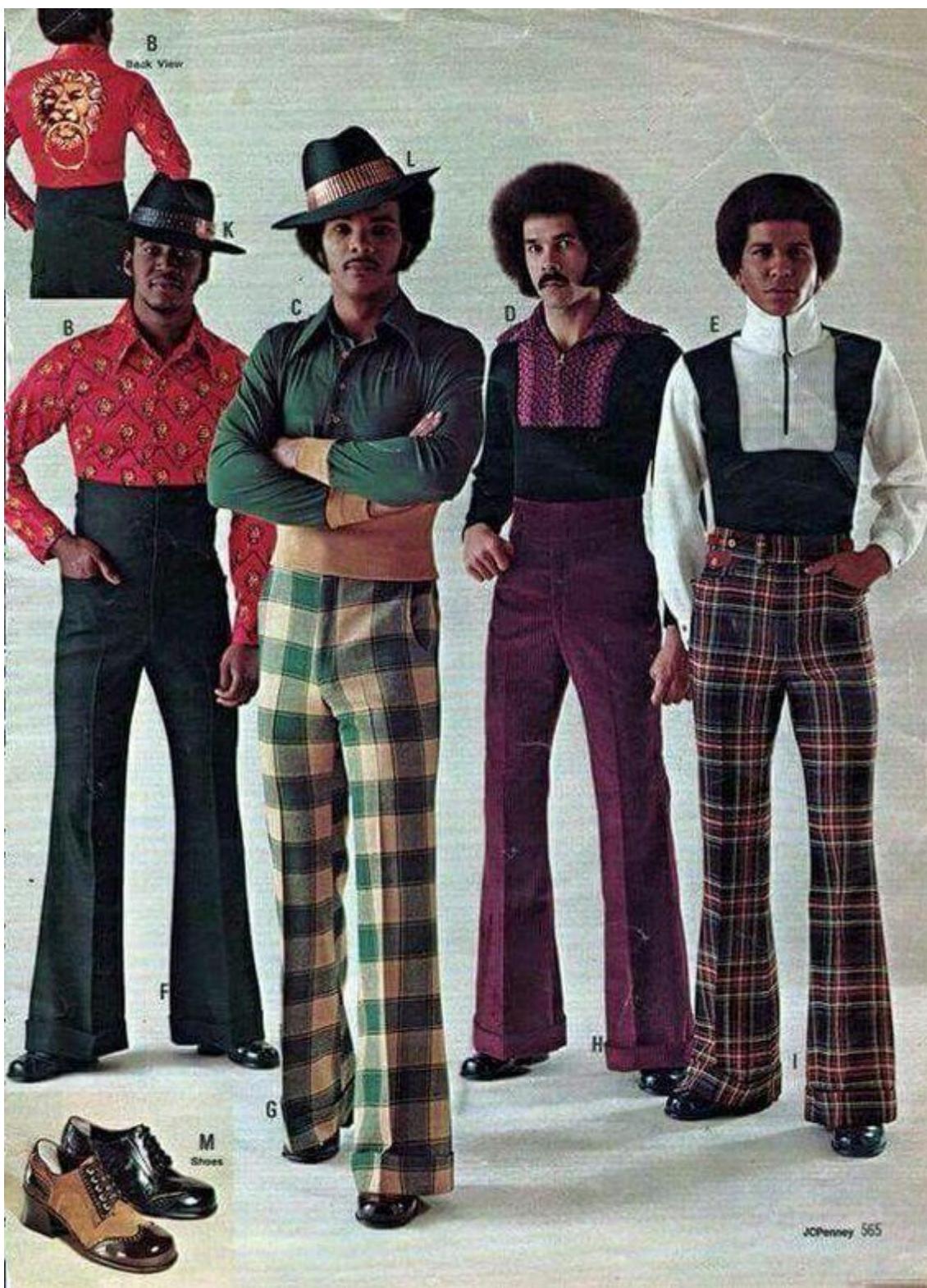


Figura 3: Catálogo de roupa dos anos 70.

Fonte:<https://br.pinterest.com/pin/79305643417264468/>



Figura 4: Cher nos anos 70.

Fonte: <https://stealthelook.com.br/tbt-7-looks-que-queremos-roubar-da-cher-nos-anos-60-e70/>



Figura 5: Vogue Itália (1986).

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/10414642881081059/>



Figura 6: Princesa Diana (1986).

Fonte:<https://www.revistalofficiel.com.br/beleza/qual-o-segredo-de-beleza-da-princesa-diana>



Figura 7: Metro de Nova York anos 70.

Fonte: <https://www.buzzfeed.com/br/gabrielsanchez/grafite-nova-york-anos-70>



Figura 8: Metro de Nova York anos 70.

Fonte: <https://www.buzzfeed.com/br/gabrielsanchez/grafite-nova-york-anos-70>



Figura 9: Mirante Sapucaí.

Fonte: <https://cura.art/>



Figura 10: Suéter pintado por Jean-Michel Basquiat.

Fonte: <https://www.minniemuse.com/articles/musings/basquiat-man-made>



Figura 11: Jaqueta de couro pintada por Jean-Michel Basquiat.

Fonte: <https://www.minniemuse.com/articles/musings/basquiat-man-made>



Figura 12: Jean-Michel Basquiat.

Fonte: <https://www.bbc.co.uk/programmes/articles/5hxDrX1WnPP41w2rwPDk4Sx/jean-michel-basquiat-from-homeless-to-110m-artist>



Figura 13: *Ironia do Policial Negro* (1981).

Fonte: <https://www.culturagenial.com/jean-michel-basquiat-obras/>



Figura 14: Pássaro no Dinheiro (1981).

Fonte: <https://genius.com/a/basquiat-s-bird-on-money-painting-inspired-the-strokes-the-newabnormal-cover-art>



Figura 15: *Boy And Dog In A Johnnypump* (1982).

Fonte: <https://thetrendyart.com/blogs/art-blog/boy-and-dog-in-a-johnnypump>



Figura 16: *Obnoxious Liberals* (1982).

Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/jean-michel-basquiat-obnoxious-liberals>



Figura 17: *Hollywood Africans* (1983).

Fonte: <https://whitney.org/collection/works/453>



Figura 18: *Ridin with death* (1988).

Fonte: <https://www.singulart.com/en/blog/2020/02/12/riding-with-death-1988-one-of-jeanmichel-basquiats-last-paintings/>



Figura 19: Croqui do look 1.

Fonte: Acervo Pessoal.

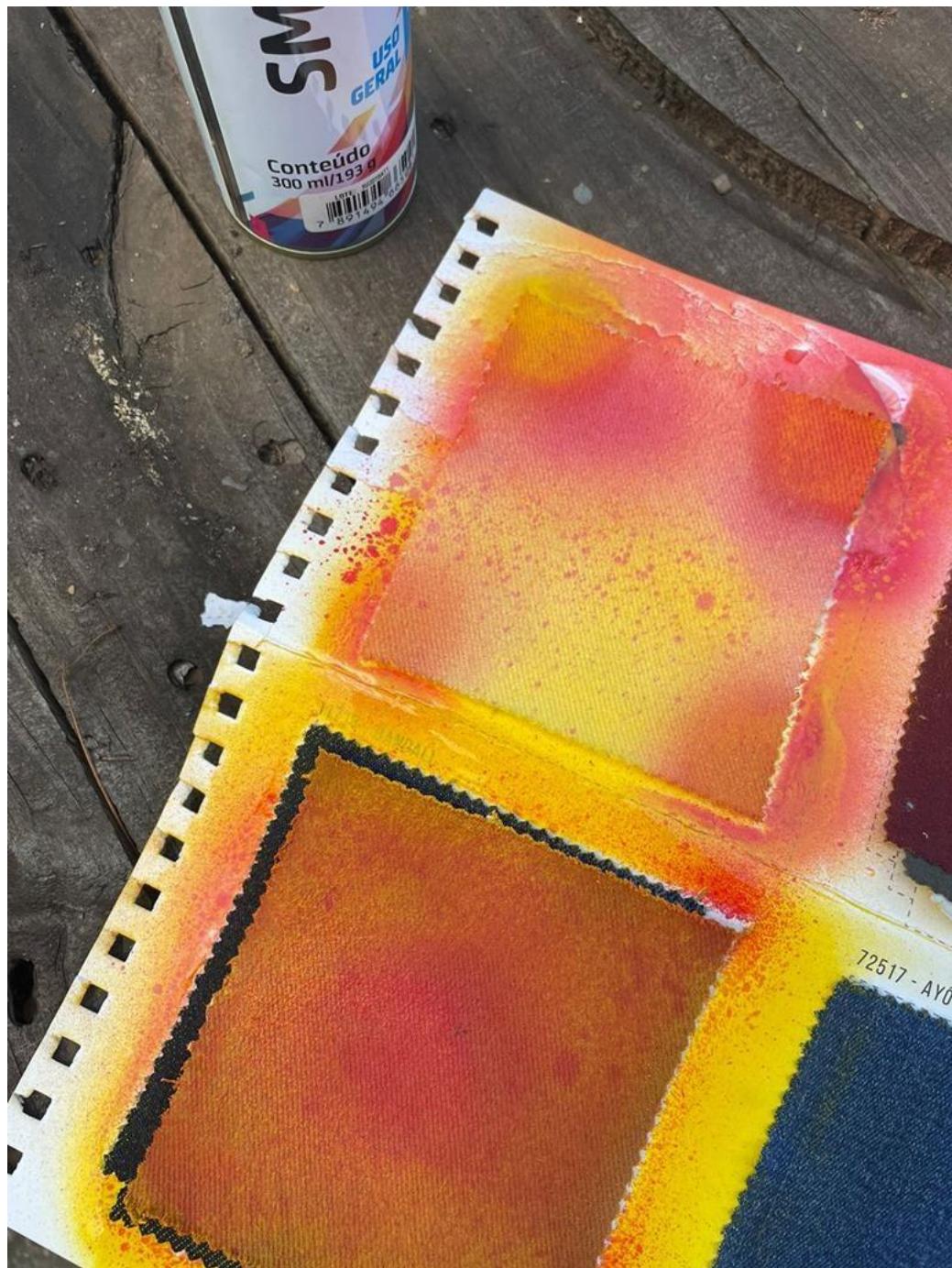


Figura 20: Testes de estampa com tinta spray sobre tecido com composição de 98% CO - 2% PUE.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 21: Lavagem do teste de estampa.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 22: Teste de estampa escolhida para o look 1.

Fonte: Arquivo pessoal.

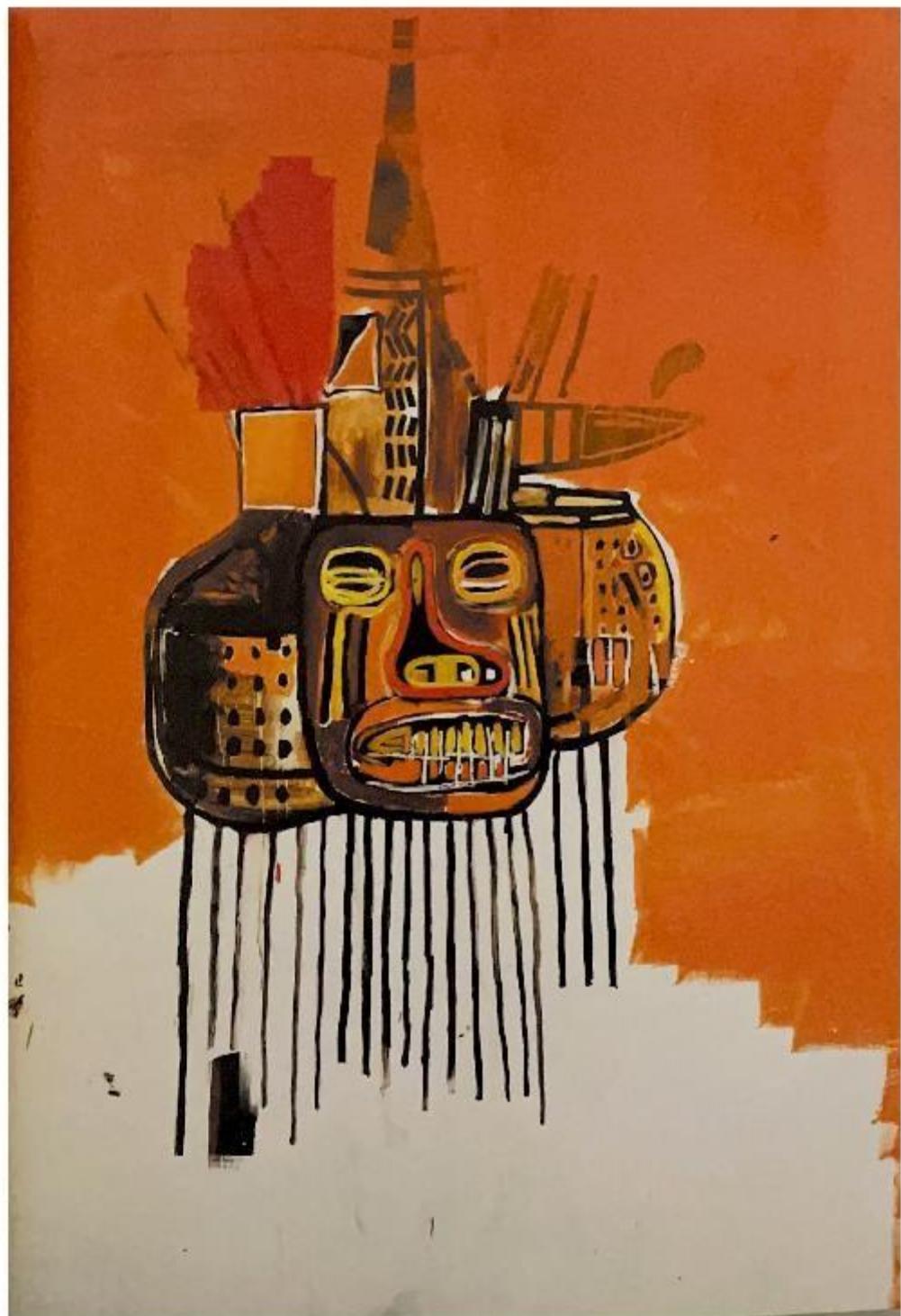


Figura 23: *Untitled* (1987).
Fonte: Jean-Michel Basquiat and the Art of Storytelling



Figura 24: Croqui do objeto vestível.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 25: Moldes posicionados no tecido.

Fonte: Arquivo pessoal.

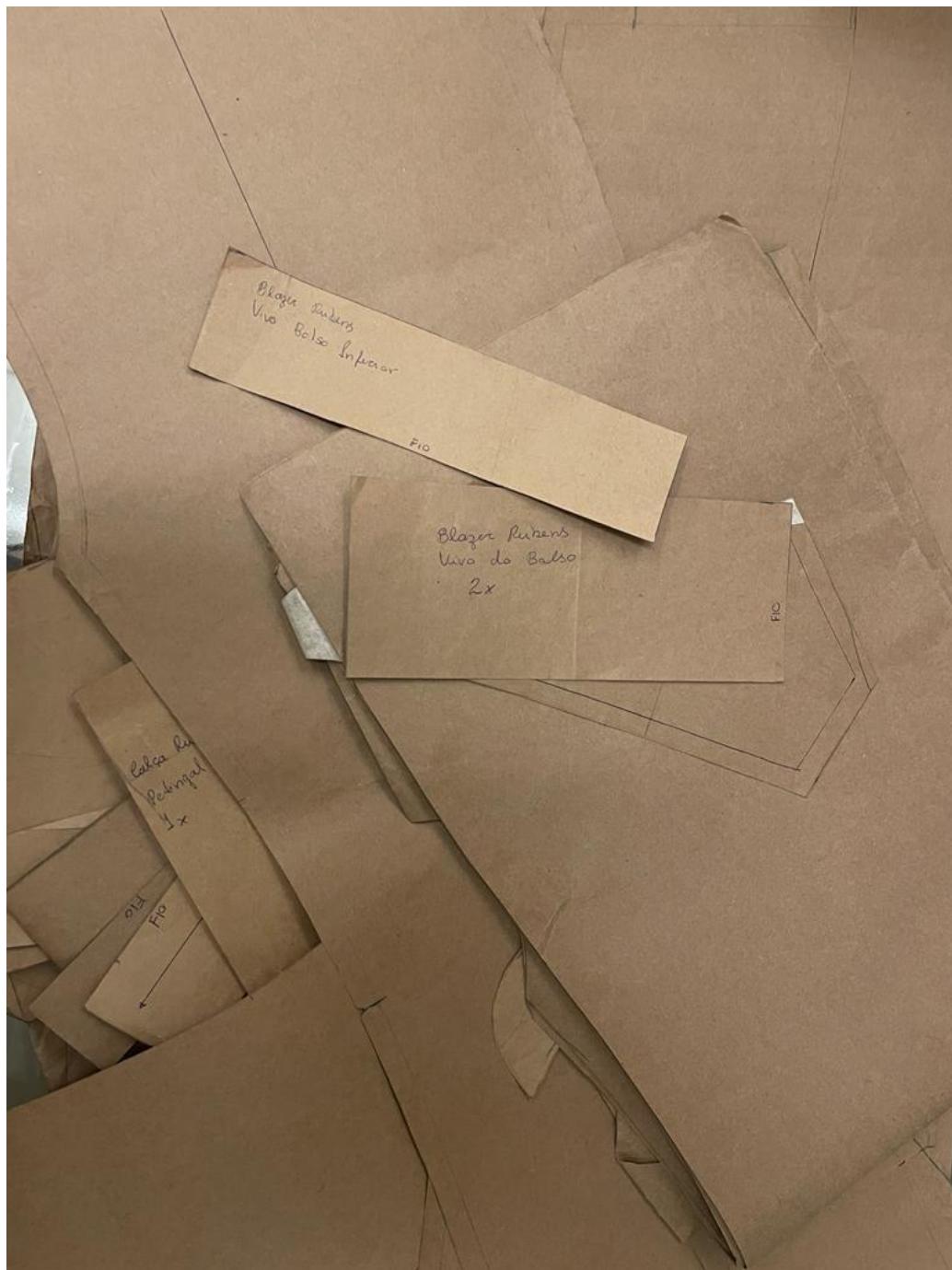


Figura 25: Moldes blazer.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 26: Ficha técnica do blazer.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 27: Corpo do blazer.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 28: Detalhe do forro.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 29: Detalhe da fenda do bolso do blazer.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 30: Detalhe da lapela do blazer.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 31: Blazer costurado.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 32: Blazer grafitado.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 33: Blazer grafitado.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 34: Processo de costura da calça.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 35: Processo de costura da calça.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 36: Processo de costura da calça.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 37: Processo de pintura da calça

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 38: Ilhós e mosquetão

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 39: Processo de pintura da saia

Fonte: Arquivo pessoal.

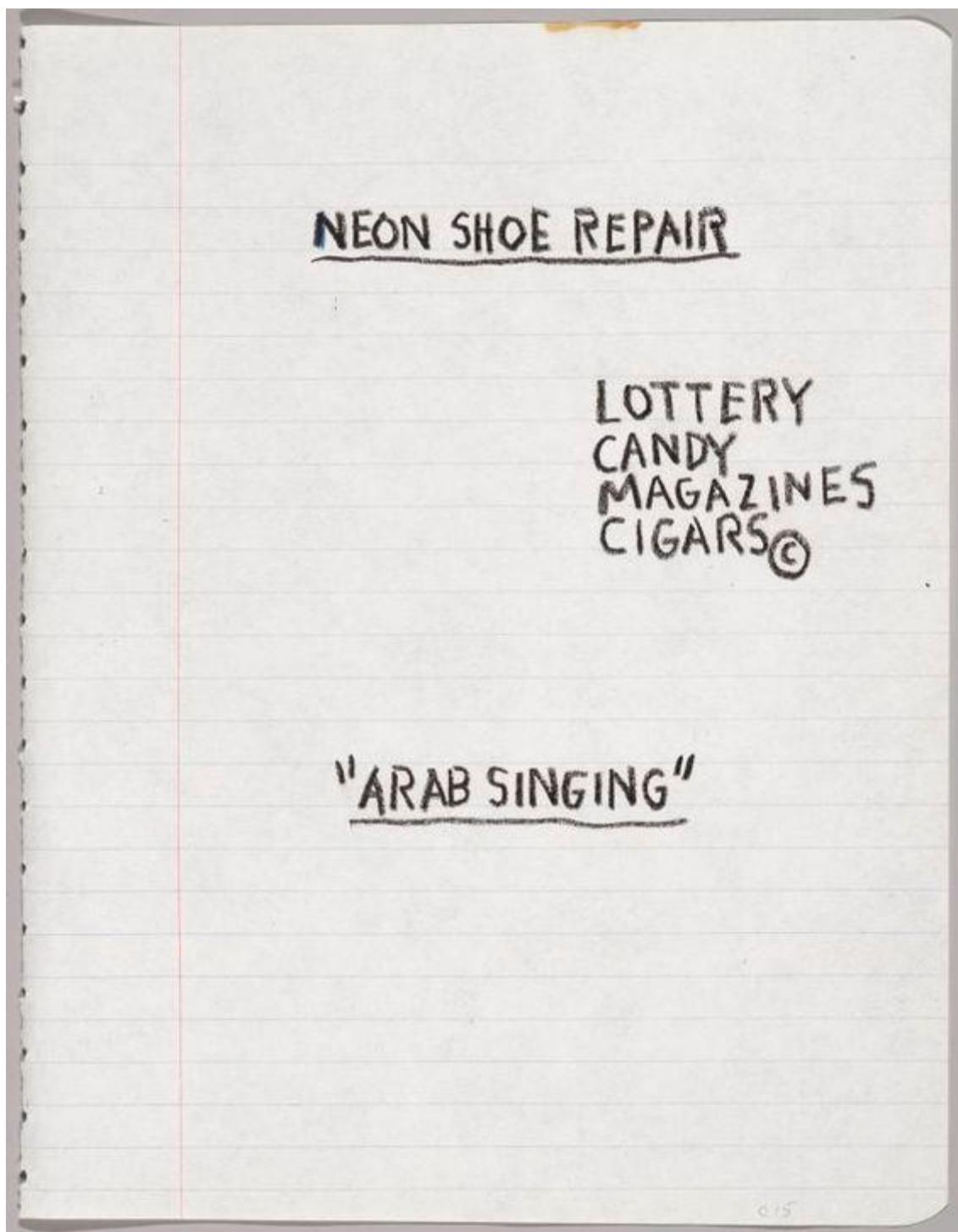


Figura 40: Anotações de Basquiat no seu livro *Jean-Michel Basquiat: The Notebooks* (1993)

Fonte: <https://high.org/exhibition/basquiat-the-unknown-notebooks/>

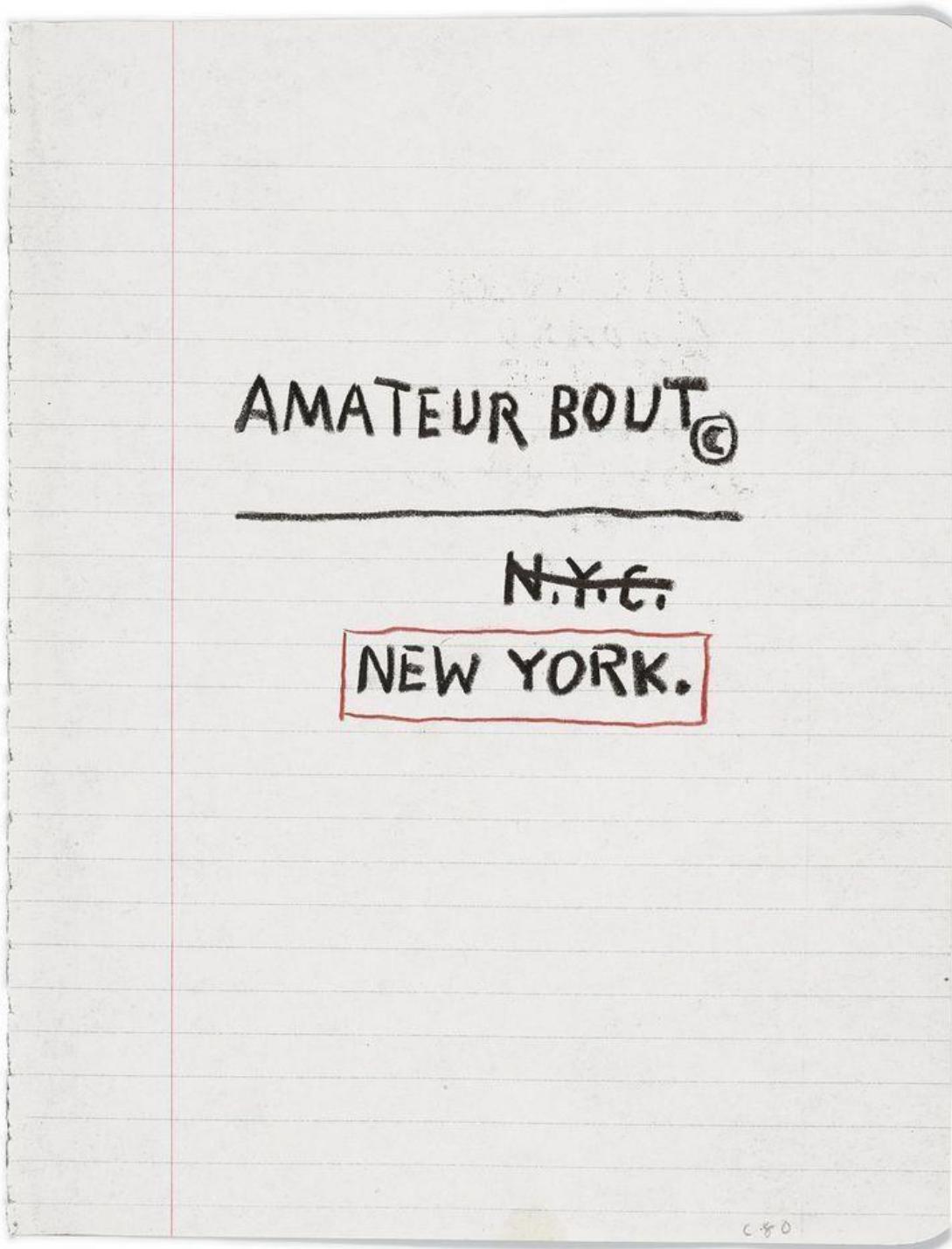


Figura 41: Anotações de Basquiat no seu livro *Jean-Michel Basquiat: The Notebooks* (1993)

Fonte: <https://www.nytimes.com/2015/03/05/t-magazine/jean-michel-basquiatnotebooks.html>



Figura 42: Croqui do look 2.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 43: Moldes do macacão.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 44: Costura do macacão.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 44: Gola dupla do macacão.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 45: Bolso do macacão.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 46: Bolso do macacão por dentro.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 47: Aviamentos do macacão.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 48: Ilhós e mosquetão do macacão.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 49: Estampa.

Fonte: Acervo pessoal.

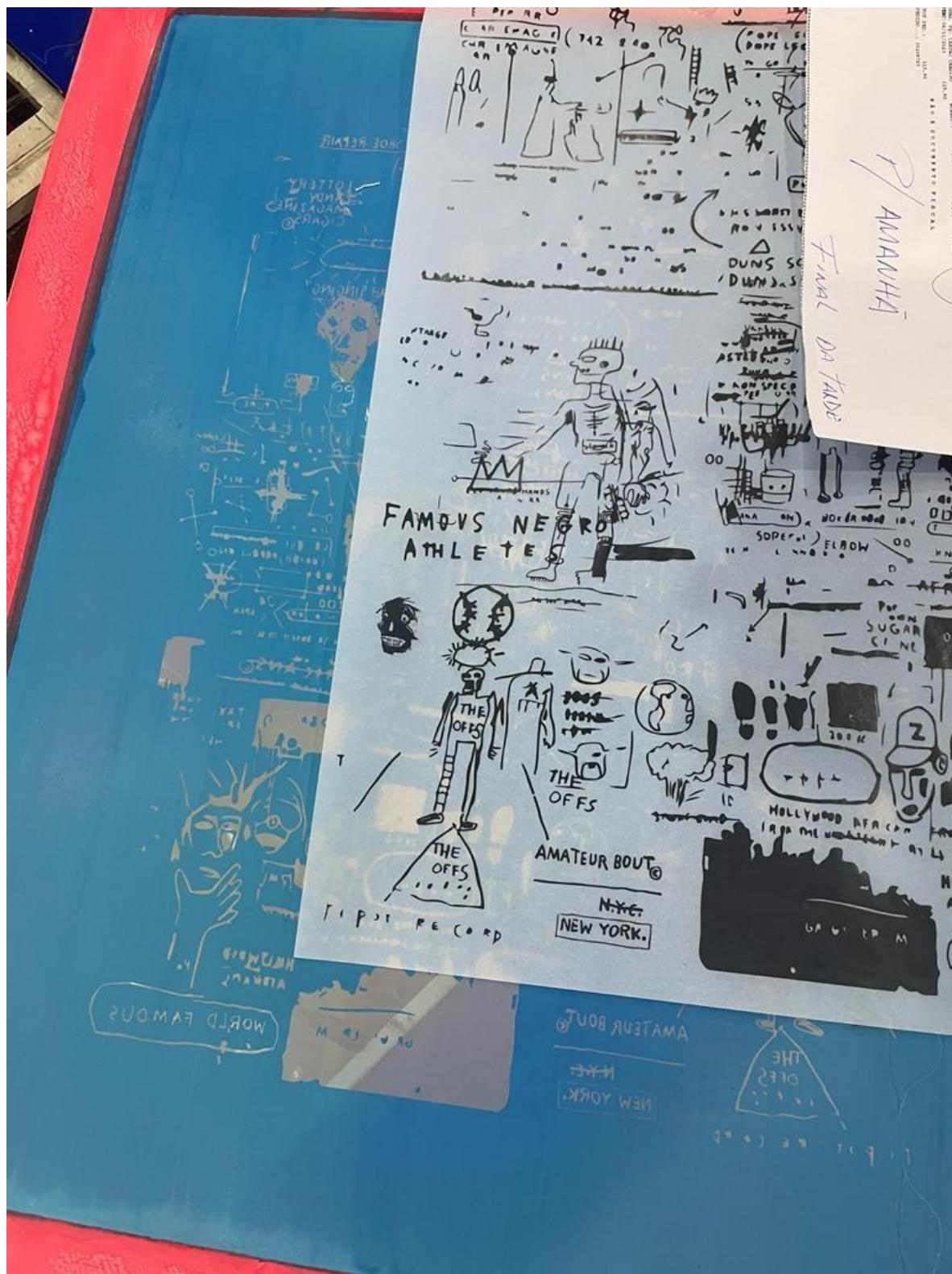


Figura 50: Tela de serigrafia.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 51: Processo de serigrafia.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 52: Processo de serigrafia.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 53: Croqui look 3.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 54: Molde do short.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 55: Bolso cargo do short.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 56: Bolso embutido do short.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 57: Detalhe do zíper.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 58: Molde da camisa.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 59: Molde da camisa.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 60: Camisa cortada.

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 61: Objeto têxtil vestível

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 62: Objeto têxtil vestível

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 63: Objeto têxtil vestível
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 64: Fenda

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 65: Processo de pintura do objeto têxtil vestível

Fonte: Acervo pessoal.

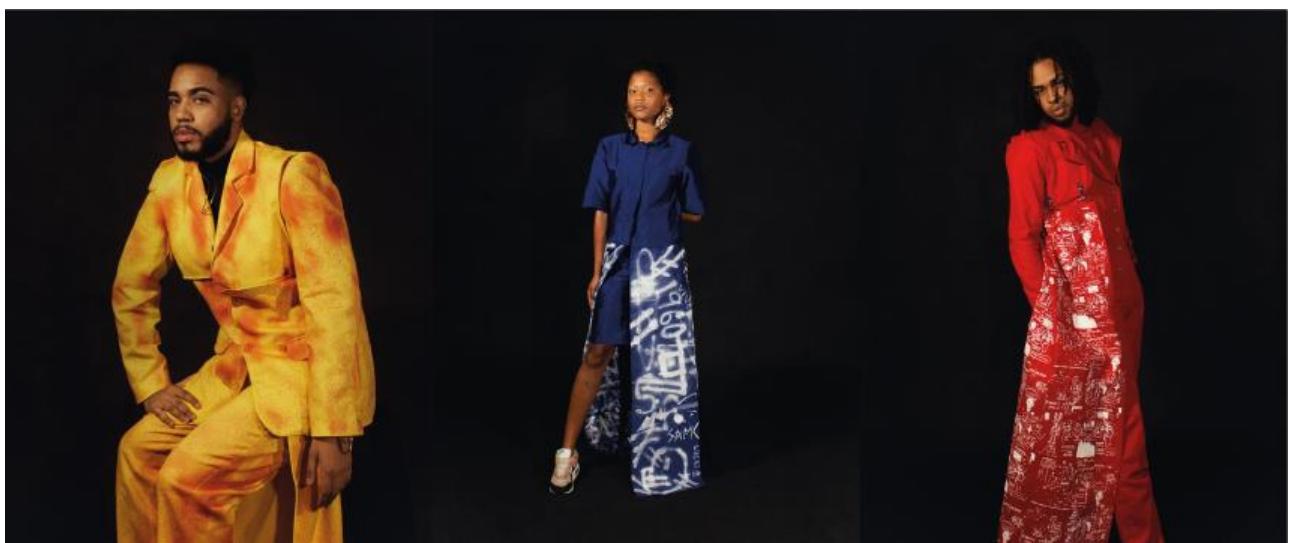


Figura 66: Peças confeccionadas

Fonte: Acervo pessoal.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Marina Oliveira Vaz. **O público e Basquiat:** vivências com a arte dentro do Centro Cultural Banco do Brasil. Brasília: UnB, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24637/1/2018_MarianaOliveiraVazBatista_tcc.pdf. Acesso em: 02 de jul. de 2021.

BOY AND DOG IN A JOHNNYPUMP. **The Trendy Art**, 2023. Disponível em: <https://thetrendyart.com/blogs/art-blog/boy-and-dog-in-a-johnnypump> Acesso em: 07 de dez. de 2023.

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira; CÂMARA, Silvia. **Arte (s) Urbana (s)**. Húmus, 2019.

CIDREIRA, Renata Pitombo. A moda nos anos 60/70:(Comportamento, aparência e estilo). **Revista Recôncavos**, v. 1, n. 2, p. 35-44, 2008.

CHIPP, Herschel Browning. **Teorias da arte moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. EMMERLING, Leonhard. **Jean-Michel Basquiat, 1960-1988**. Paris: Le Monde, Köln: Taschen, 2005.

FERREL, Jeff. Foreword: Graffiti, street art and the politics of complexity. In: ROSS, Jeffrey Ian (ed.). **Routledge handbook of graffiti and street art**. Abingdon: Routledge, 2016. P. xxxxxvii.

GONÇALVES, Luana Vieira; NOBRIGA, Heloisa de Sá; VENTURINI Rachel de Castro. **Arte contemporânea**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016. Disponível em: http://cm-cls-content.s3.amazonaws.com/201601/INTERATIVAS_2_0/ARTE_CONTEMPORANEA/U1/LIVRO_UNICO.pdf Acesso em: 05 de fev. de 2021.

GRAFFITI. In: **ENCICLOPÉDIA** Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://encyclopedia.itaucultural.org.br/termo3180/graffiti>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

JEAN-MICHEL BASQUIAT. **Whitney Museum of American Art**, 2023. Disponível: <https://whitney.org/collection/works/453> Acesso em: 07 de dez. de 2023.

JOAQUIM, Juliana Teixeira; MESQUITA, Cristiane. **Rupturas do vestir:** articulações entre moda e feminismo. DAPesquisa, v. 6, n. 8, p. 643-659, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14040/9145>. Acesso em: 08 de dez. de 2023.

NAIRNE, Eleanor. **Jean-Michel Basquiat And the Art of Storytelling**. Köln: Taschen, 2020.

MICOTTI, Paola. **Jean-Michel Basquiat:** expressões artísticas de um afroamericano. Uberlândia: UFU, 2020. Disponível em: https://www.perspectivas2020.abejh.org.br/resources/anais/19/epeh2020/1604757236_ARQUIVO_031aaa686f814f51d2339cd09d673de3.pdf Acesso em: 05 de fev. de 2021.

RECH, Sandra Regina; CHEMIN, Fabiana Struffaldi Morato. O sistema de moda e o coolhunting. **DAPesquisa**, v. 4, n. 6, p. 631-636, 2009. Disponível: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/14238/931>. Acesso: 08 de dez. de 2023

ROCHA, Marlúcia Mendes da. Jean-Michel Basquiat. **Revista Kàwé**. Bahia, 37-39, fev. 2001. Disponível em: http://www.uesc.br/nucleos/kawe/revistas/Ed_02/basquiat.pdf Acesso em: 04 de Fev de 2021.

TAVARES, Jordana Falcão. Das galerias para as lojas: o grafite entre a arte contemporânea e o consumo. **Revista Panorama**: Revista Acadêmica dos cursos de Comunicação Social PUC Goiás, n. II, p. 43-54, nov. 2011.

ZANON, ERNANDES. **Grafite**: arte urbana, arte da rua. Disponível em: <https://arrepublicacapixaba.com.br/wp-content/uploads/2021/10/2018-ZANON-Grafite-arteurbana-arte-da-rua.pdf> Acesso em: 03 de nov. de 2023.